



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA  
RITA

O SEculo



POR FERNANDA DE MATOS E SILVA—DYNETTE

Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

A' ZITA

O seu companheiro era mais novo, mais alegre, mais estouvado.

N

A porta principal da mais bonita casa da aldeia—um velho e lindo solar em estilo português antigo—surgiram dois pequenos, pouco mais ou menos da mesma idade mas em perfeito contraste fisicamente.

O mais alto moreno, cabelo negro levemente ondeado, tinha impressas, nas feições correctas, uma firmeza e uma gravidade que contrastavam com os seus escassos dez anos, mas que condiziam com o seu génio estudioso e sensato de homenzinho em embrião.

No rosto, claro e inteligente, de feições irregulares e belas, brilhavam dois olhos resplandecentes de viveza, de penetração e garotice. E a graciosa cabeça, coroada de uma trunfa enovelada de anéis, parecia a crista erecta de um galo brigão, sempre á espera de aventuras.

O mais velho, Mário, era o filho dos donos da habitação, e o outro, o seu amigo e companheiro de escola, a férias em sua casa, era o filho dum amigo de seus pais.

Mário mostrara-lhe todas as dependências da casa, o pátio, as cavalariças, e dispunha-se a levá-lo até a eira.



— E aqui tens a escadaria que nos leva à rua principal, à rua direita! — dizia, pegando-lhe no braço.

— Que é bem torta... toda aos 33... — retorquiu Alberto, rindo, trocista.

— Não troces! Daqui a dias há-de achá-la bem bonita e bem divertida, verás!

— Decerto, e gosto muito da tua casa; é muito bonita e está-se cá muito bem. Mas... que vamos nós fazer hoje?! Mário coçou o queixo, procurou, em silêncio, uma idéia e, depois de reflectir, perguntou:

— Queres ir passear a cavalo? O meu criado acompanha-nos.

— Hoje, não; estou moído da viagem. Outra coisa.

— E se fôssemos até ao celeiro, ver uns livros muito antigos que o meu avô lá tem numa arca? — inquiriu Mário, muito afável.

Alberto fez uma careta, revelando pouco entusiasmo.

— Não, livros não, deles estou eu fartinho até aqui! — e apontava a ponta dos cabelos.

— Então, não sei! Temos muito em que nos entreter, mas para hoje não; estás cansado e o criado tem, talvez, que fazer em casa e não nos pode acompanhar para longe.

E se fôssemos até à eira?! E aqui, pertinho.

— Perto?

Mário riu com vontade:

— Não tens vergonha; pareces mesmo uma menina, com medo de te cansares. Vem daí; é aqui a dois passos.

E, enfiando o seu braço no do amigo, desceram a escadaria e enveredaram por uma ruasita transversal, entre muros. Em breve surgia o portão pintado de verde e, transposto este de corrida, entre douradas mēdas de palha, distinguia-se, um pouco mais longe, a circunferência asfaltada da eira, brilhando sob os raios do sol.

Um murozito cercava-a de um dos lados e, dos outros, eram os campos cultivados e verdejantes, esmaltados de



— Tem ferramentas. Uma charrua, enxadas!... E aquelas coisas, para que servem? São peneiras?! Mário riu da ignorância do companheiro.

— Claro que são, para joear o trigo e o milho. Julgas, talvez, que fôssem para marmelada!

— Sei lá, não sou rapariga, nem camponês. Não percebo nada destas coisas! — desculpou-se, ligeiramente despedido, Alberto.

— Bem se vê; dizes cada uma! Mas vamos arranjar uma brincadeira, queres?! Escolhe tu.

Alberto pensou uns segundos e, sorrindo contente, propôs:

— Vamos jogar às escondidas?

— Só os dois é uma sensaboria. Outra coisa.

— Então... e às guerras?

— Ora, sózinhos não tem graça. Só se fôssemos convidar alguns miúdos para brincar connosco. Queres?

Alberto aquiesceu, satisfeito.

— Pois sim, arranja-os tu. Eu não conheço ninguém.

Mário saiu uns momentos e, em breve, voltou seguido de uns cinco ou seis rapazitos do campo. Escolheram os combatentes e as nações e travou-se a guerra.

Correrias, alegres gritos de vitória, gargalhadas, e Alberto esqueceu a canseira da viagem e o seu propósito de não correr. Ao fim de meia hora já estavam cansados da brincadeira e estafados fisicamente.

Pelo portão escancarado da portinha da eira, outras crianças se tinham aproximado, primeiro a medo, depois mais afoitas, e, agora, um grande grupo de pequenada comentava, curioso, as diversas peripécias do jogo.

umas pequenas discutiam acaloradas sobre a ligeireza dos contendores e havia partidas contrárias.

Mário lembrou então:

— Queres aprender as cantigas e as dansas de cá? Algumas são muito engraçadas.

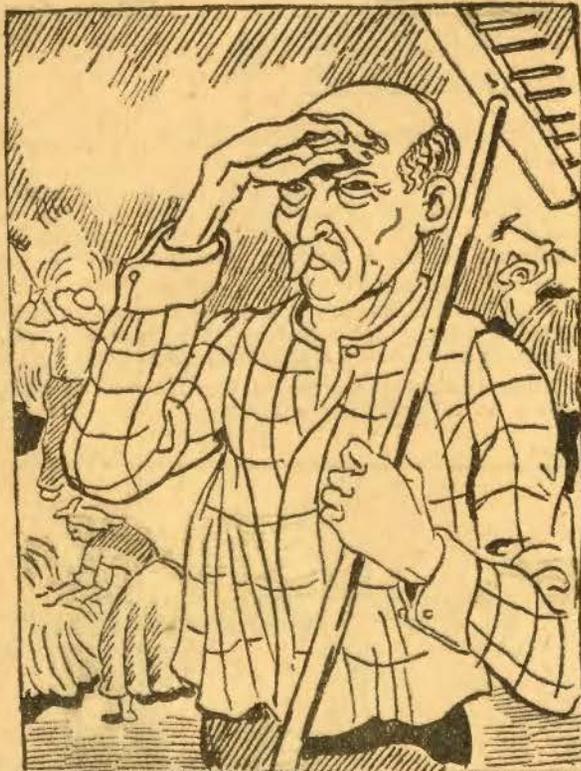
Alberto concordou da melhor vontade.

— Então chamam-se aquelas pequenas e cada um de nós escolhe a sua, para seu par.

Mário aquiesceu.

— Eu escolho a minha prima. Vem cá, Adelina, vais dansar comigo.

Uma garota aproximou-se açodadamente; o rosto claro, vermelho de satisfação e acanhamento, enquanto duas covinhas se lhe cavavam, graciosamente, aos cantos da boca, ao sorrir.



flores alegres. Uma casa tósca, pequenina, a um canto, servia para a arrecadação dos utensílios da lavoura.

Alberto olhava para tudo, divertido, como um cidadão curioso de uma vida que desconhece e que lhe parece cheia de atractivos.

— Como é engraçada a tua eira! Podia patinar-se aqui. E aquela casita, para que serve?

— Vais ver! — aconselhou Mário, lisongeadado com o interesse do amigo.



—E' bonita, a tua prima!—declarou Alberto, mirando-se com uma ar conhecedor, muito masculino.

—E o teu par, quem há-de ser?—preguntou Mário, que organizara, num momento, os outros pares, entre a pequenada.

Alberto olhou em redor para todas as rapariguitas que estavam sem par, e os olhos prenderam-se-lhe em um rosto moreno, pálido, onde brilhavam dois lindos olhos cheios de tristeza.

Um cantarinho descansava-lhe na anca magra, cheio de água.

Era a mais rotinha a mais mal arranjada: saia esfarapada e remendada com retalhos de várias cores, lenço esburacado, mal encobrindo os cabelos de azeviche, crespos e desobedientes á sujeição das tranças.

Sem uma hesitação, dirigiu-se para ela.

—Queres dançar comigo? Como te chamas?

Um sorriso alegre encheu-lhe as feições de espirituosa graça e, córando intensamente de prazer, balbuciou, a medo:

—Eu queria, sim, menino. Sou a Rosita.

Com um gesto de desaprovação, Mário aproximou-se do amigo:

—Não dances com ela; é a mais miserável da aldeia; está toda rôta, não vês?—segredou-lhe ao ouvido.

Alberto còrou, contrariado, e afirmou, teimoso::

—Se não dançar com aquela, não danço.

Mário encolheu os ombros e, afável, respondeu-lhe, formando a roda:

—Como quizeres, a mim tanto faz!

Rosita, não acreditando que aquele menino, tão bem vestido, quisesse dançar com ela, ficou de parte, ansiosa

e acanhada, mas, quando viu a mão branca e amável de Alberto pegar-lhe na sua, não resistiu mais e, pondo o cântaro em terra, reüniu-se aos dançarinos.

Em breve as vozes esganiçadas das mais pequenas e as afinadas das crescidas, se juntaram para entoar uma singela canção do campo, cheia de sol, de serena alegria, de ingénuas rimas.

Um garoto, que ia a passar com um rebanho, parou boquiaberto, ante aquele espectáculo inesperado, mas como visse outros pequenos da sua idade e criação, maltrapílios como ele, ousou entrar na roda.

Da algibeira do colete tirou uma harmónica de bôca e, com verdadeira maestria, tocou um alegre vira.

Alberto e Mário saltaram para um lado com os seus pares, e os quatro, bamboleando-se e sapateando, dançaram com graça essa linda dança, ante o pasmo da pequenada do campo, admirada de vêr os meninos a dançar tão bem as suas dansas.

Nisto, Alberto, no seu estouvado entusiasmo, empurrou sem querer o seu par, que foi esbarrar com Adelina, fazendo parar todos, desencontrados.

—Desastrada! — gritou Adelina, refilona.

—Não fui eu...—ia a desculpar-se a outra.

—E's uma parvalhona, uma seresma! Quem te chamou cá?—gritou Adelina com zanga.

—Isso não é da tua conta!—respondeu Rosita, muito vermelha. Tu não mandas nada, minha burra!

—Cuidadinho com a língua, pequena; olha que a Adelina é minha prima!—atalhou Mário, agastado.

—Perdão, a tua prima é quem a está insultando...—defendeu Alberto, tomando o partido do seu par.

Adelina, forte com a defesa de Mário, endireitou-se nos tamanquinhos de pau e, desdenhosamente, atirou á outra, por sôbre o ombro, esta frase ofensiva:

—Não passas de uma mendiga. Não faço caso de ti, minha desmazelada! O menino Mário não te devia querer cá.

Rosita còrou, cheia de cólera, e, levantando a mão, ia a castigar a soberba, quando Mário lhe pegou brutalmente no braço, cheio de raiva.

—Daqui para fóra, atrevida, e já!—bradou, fóra de si.

Mas, antes que a pequena tivesse tempo de lhe obe-

## Correspondência

**Antonio Vilar.** — O seu conto não pode ser publicada no nosso suplemento, porque o tema nada tem de infantil.

**Francisco Gomes Costa.** — Os teus originais vão ser sujeitos á apreciação do director do «Pim-Pam-Pum».

**Manoel Rosa.** — Os teus desenhos serão publicados na devida altura.

decer, Alberto colocou-se em frente do portão, com um gesto indignado.

A Rosita não sai daqui! Só se essa também sair! — e apontava para Adelina, com os olhos a faiscar.

Mário mediu-o dos pés á cabeça, cheio de orgulho, e, erguendo a sua, com arrogância afirmou categoricamente:

— Há-de saber quem manda aqui sou eu! Sai, Rosita!

E, virando-se para o amigo, sentenciou:

— Esta gira pertence ao meu avô, e, portanto, só eu dou ordens aqui dentro.

Um silêncio pesado, grave, fez-se durante alguns segundos, e Alberto, vexado mas firme, com um gesto cavalheiresco e protector, pegou na mão da envergonhada e chorosa Rosita, cheio de indignação:

— Vem cá, Rosita, não saís só; eu também vou contigo...

E, voltando-se para Mário, com um gesto teatral e ofendido, exclamou:

— Nunca esperei isto de ti, Mário, e a minha vontade era ir-me já embora para casa da meus pais!

De cabeça erguida, com a maltrapilha Rosita pela mão, afastou-se depressa, trémulo de raiva.

Mário corou ante a atitude do amigo. A consciência dizia-lhe que tinha procedido mal, mas, orgulhoso, tentou esconder, aos pequenos que o rodeavam, que o entristecia aquela cena. Continuou a brincar, mas sem entusiasmo.

Alberto afastara-se, pálido e triste.

Acompanhou a garota até á fonte, onde deixara outra bilha a encher, á espera de vez, e, enquanto ela ia buscá-la, sentou-se num murozito baixo, taciturno.

Quando Rosita se aproximou do seu protector, notou, com espanto, que pelas faces, agora côr de lacre, rolavam lágrimas em fio.

Um grito de pesar saiu-lhe da boca vermelha e, ajoelhando sobre uma pedra, ficou a olhá-lo, cheia de pena.

Alberto estremeceu, surpreendido, ao sentir a mão dela pegar na sua timidamente, e, pegando-lhe no queixo com a outra mão livre, sorriu penosamente, com ar desolado.

— Isto não é nada, Rosita. Já passa!

E como ella o continuasse a olhar, compadecida:

— Não tenho pena do que fiz, foi o meu dever! Só estou zangado com o menino Mário, muito zangado!

— Ele é que é mau! — retorquiu Rosita, com rancôr. E a Adelina é uma tóla, uma palerma! Julga que, por ser prima do menino Mário, é mais do que nós! Eu não tenho a culpa de ser pobre!

Alberto apertou-lhe, affectuosamente, a mão.



— Ele não é mau, Rosita, é melhor do que eu, e admiro-me do que elle fez. Ainda se fôsse eu?! E a Adelina é pateta, não sabe o que diz; tu não tens culpa de não ser tão rica, mas, deixa lá, eu gosto mais de ti!

E, com um breve beijo, afastou-se a correr, fazendo-lhe um gesto de despedida com o chapéu.

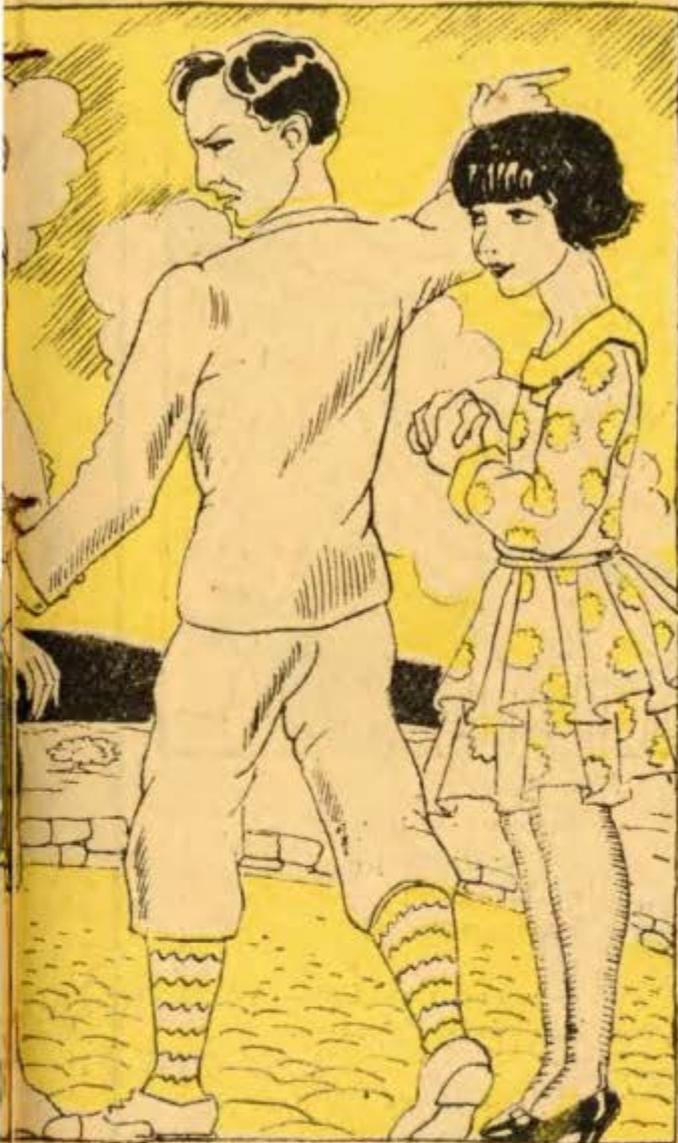
Rosita ficou perplexa. Nunca outra criança, a não ser sua irmã pequenina, que tinha dois anos, a beijara assim! Estava tão acostumada a ser maltratada, apedrejada, magoada pelos rapazes da sua idade e até mais velhitos que por muito tempo ficou a olhar para a volta da estrada, onde Alberto desaparecera, com os olhos brilhantes de agradecidas lágrimas.

\*  
\*  
\*

Anoiteceu. Alberto preparou-se para o jantar, e quando a voz do criado velho do solar, o António, o veio chamar para ir para a mesa, seguiu-o logo. Na sala de jantar, alegre, espaçosa, já toda a família do amigo rodeava a mesa, pronta para se sentir quando chegasse o avô de Mário.

Quando este assomou á porta, todos o foram cumprimentar e sentaram-se. Em breve só se ouvia o ruído das colheres nos pratos da sôpa. Decorreu o jantar monótono para Mário, que apenas respondia ao que lhe pre-





— Perdôa-me, Alberto; procedi mal, muito mal para contigo. Foi este maldito orgulho que eu quero combater e me faz ser grosseiro!

Mas Alberto estendeu-lhe a mão, lealmente, e confessou, contrito:

— Eu também fui soberbo, Mário, e malcriado, pois a eira era mais tua que minha e não devia insistir contigo.

— Não, Alberto, eu é que andei mal e que devo humilhar-me — disse Mário. Fui orgulhoso e mau para essa pequena, que é tão pobre e já trabalha tanto, e não me posso consolar de ter desgostado meu avô!

Mas uma voz amiga, e uir tanto comovida, interrompeu-os naquela luta em que, generosamente, ambos queriam ser o pior:

— Não defendo o meu neto, Alberto; ele fez mal, com efeito, mas, como já se arrependeu, merece um abraço e que se ponha uma pedra sobre este triste assunto. Abraçam-se, assim, e lembrem-se sempre desta cena todas as vezes que a Soberba, a maior inimiga da Justiça, os tentar levar a ser injustos e altivos com os fracos e os pobres.

Daí em diante, Mário, que tinha um coração de ouro, nunca mais soube o que era soberba, a não ser o orgulho de uma nobre e boa acção praticada modestamente, e foi o melhor amigo de Alberto, quasi um irmão, o seu melhor confidente, o seu conselheiro.

E ainda hoje, que já são dois homens, quando, em quaisquer férias, se reúnem no velho solar dos pais de Mário, recordam saudosamente a cena da eira, que consolidou a sua amizade e tirou a Mário o seu maior, o seu único defeito: esse orgulho feito de soberba que lhe poderia ter sido fatal, pois, quando imoderado, o orgulho torna cruéis e detestáveis todos aqueles que o possuem.

*Humilhar um pobre é o mesmo que bater numa criança sem defesa — uma cobardia e uma baixeza.*

■ F I M ■

guntavam, carregado o semblante e triste; e decorreu interminável para Alberto, que, de olhos no prato, lutava com uma invencível vontade de chorar.

Sentia-se só nesse momento, entre aquela família que não era a sua, e irritado com Mário e consigo próprio.

Só respirou, contente, quando o avô de Mário, com amável bondade, lhe deu licença para se levantar.

Era um velhinho simpático e belo, de nevados cabelos de prata e rosto franco e bondoso.

Quando Alberto foi desejar-lhe *bom proveito*, à linda moda antiga, beijando-o, com já fizera a todos os outros convivas, o sr. Fortunato beijou-o paternalmente na testa, segredando-lhe ao ouvido:

— Você é assomadiço, é; mas, também, é um rapaz as direitas!

E como Alberto o olhasse admirado e enleado, disse, apontando o neto:

— O Mário quer-lhe falar; vá ler com ele. Contou-me tudo!

Alberto ficou perplexo e acanhado. Não sabia o que fazer... O coração batia-lhe desabaladamente quando se aproximou de Mário, no varandim que dava para a escadaria da porta principal.

— Teu avô disse-me que me querias falar! — murmurou, meio engasgado.

Mas Mário calou-lhe nos braços chorando, e só daí a momentos lhe respondeu.



# CASTIGO

Por S. M. J.

DESENHOS DE CASTANÉ

UM certo menino,  
ladino,  
mauzão,  
qu'ria, à torça, ser,  
— par'cer —  
valentão.

Para isso, na escola,  
aos seus companheiros,  
com toda  
arrogância:  
contava aventuras,  
acontecimentos,  
( nenhuns verdadeiros )  
impróprios da infância,  
— fantasias puras —  
de lógica isentos.



Os outros meninos,  
não acreditavam,  
evidentemente;  
'speravam  
sómente,  
— pois eram mui finos —  
dar-lhe uma lição.

E teve o castigo  
aquele mauzão,  
Como? Já lhes digo:

Um dia ao abrir  
a sua sacola,  
viu dela fugir...  
O quê? Nem sabia!...

Tal susto apanhou,  
que no outro dia  
não pode ir à escola!...

... E assim se provou  
sua valentia,  
de que, todavia,  
tanto se gabou!



■ F I M ■

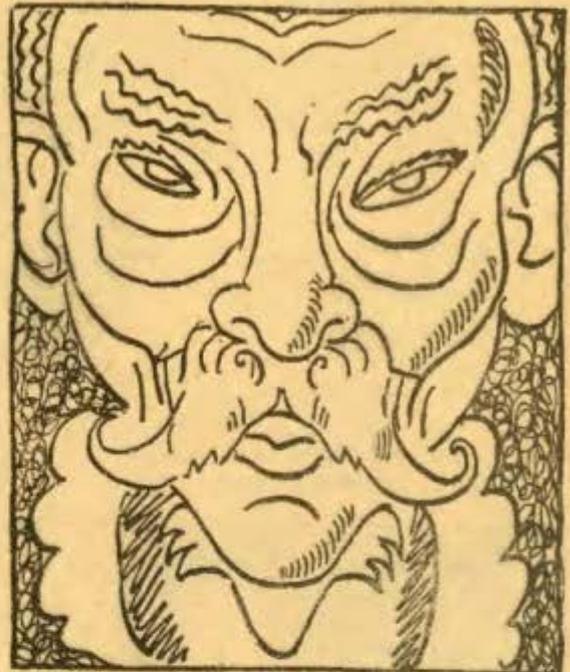
# HORA DE RECREIO

## O AUTO-GIRO de MARCOLINO



O Marcolino é um rapaz muito engenhoso. Vejam que aparelho tão engraçado éle inventou.

## A DIVINHA



Meus meninos—Eis um feiticeiro chinês que faz adivinhas, auxiliado por dois diabinhos mágicos. Ele desafia os meninos a adivinharem onde os diabinhos se encontram.

## PARA OS MENINOS COLORIREM



O MAKI-URSO—(Arctocebus calabarensis)

# Um Maçador



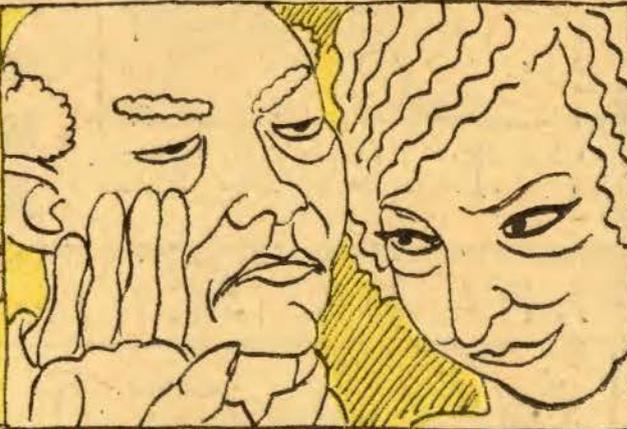
I — O menino Francisquito, que é bastante inteligente, tem, por vezes, cada dito que embasbaca toda a gente.



II — Uma vez um conhecido de seus papás, certamente muito tolo, presumido, e bastante impertinente.



III — Dirigindo-se á morada onde seus pais habitavam, ouviu dizer á criada que eles em casa não estavam.



IV — Nisto surge o endiabrado Chiquinho, com muita graça, a perguntar intrigado: — «O senhor é que faz massa?!...»



V — «Massa, eu?!...» (volve, espantado o visitante, afinal inda bem mais intrigado.)  
— «Mas porque perguntas tal?!...»



VI — «Porque, inda agora, o papá, disse, ao ver que era o senhor: — «dize que não estamos cá, pois que éle é um maçador!»